

Súmula do Relatório de Prevenção, Monitorização e Acompanhamento dos Efeitos da Seca

Abril 2026

Direção de Serviços de Estatística |
Divisão de Estatística | Carla Almeida
Lisboa | 25 de maio de 2026



Índice

1. Avaliação Meteorológica	3
2. Seca Meteorológica	4
3. Disponibilidades hídricas armazenadas nas albufeiras	9
5. Reservas de Água nas Albufeiras e Aproveitamento Hidroagrícola	13
6. Agricultura e Pecuária	14
➤ Sementeiras de cereais praganosos.....	14
➤ Prados, pastagens permanentes e forragens:	14
➤ Culturas de Primavera/Verão.....	15
➤ Culturas arbóreas e arbustivas.....	15

1. Avaliação Meteorológica

*O mês de abril de 2026 em Portugal Continental classificou-se como **muito quente** em relação à temperatura do ar e **muito seco** em relação à precipitação.*

➤ **Temperatura**

- O valor médio da temperatura média do ar, 16.10°C;
- O valor médio da temperatura máxima do ar, 22.59°C
- O valor mínimo da temperatura mínima do ar, 9.60°C;
- O mês de abril caracterizou-se por valores diários da temperatura média do ar predominantemente acima do valor médio mensal, **com exceção dos períodos 7 a 8 e 11 a 13**;
- Registaram-se duas ondas de calor: a primeira, de 15 a 21, em 40% das estações, abrangendo o interior Norte e Centro, o vale do Tejo e o interior do Alentejo; a segunda, de 23 a 28, foi muito mais localizada, ocorrendo apenas em Montalegre, Cabril e Nelas.

➤ **Precipitação**

- O total de precipitação mensal em abril foi de 28.8 mm;
- Durante este mês, verificou-se a ocorrência de precipitação, não muito significativa, em 3 períodos do mês: 6 a 8 em todo o território devido à passagem de sistemas frontais e linhas de instabilidade associadas que causaram precipitação por vezes forte, em regime de aguaceiros e acompanhados de trovoadas; 13 a 15 no litoral Norte e Centro como resultado de novas passagens de superfícies frontais; 26 a 29 no interior Norte e Centro com ocorrência de aguaceiros e trovoadas.

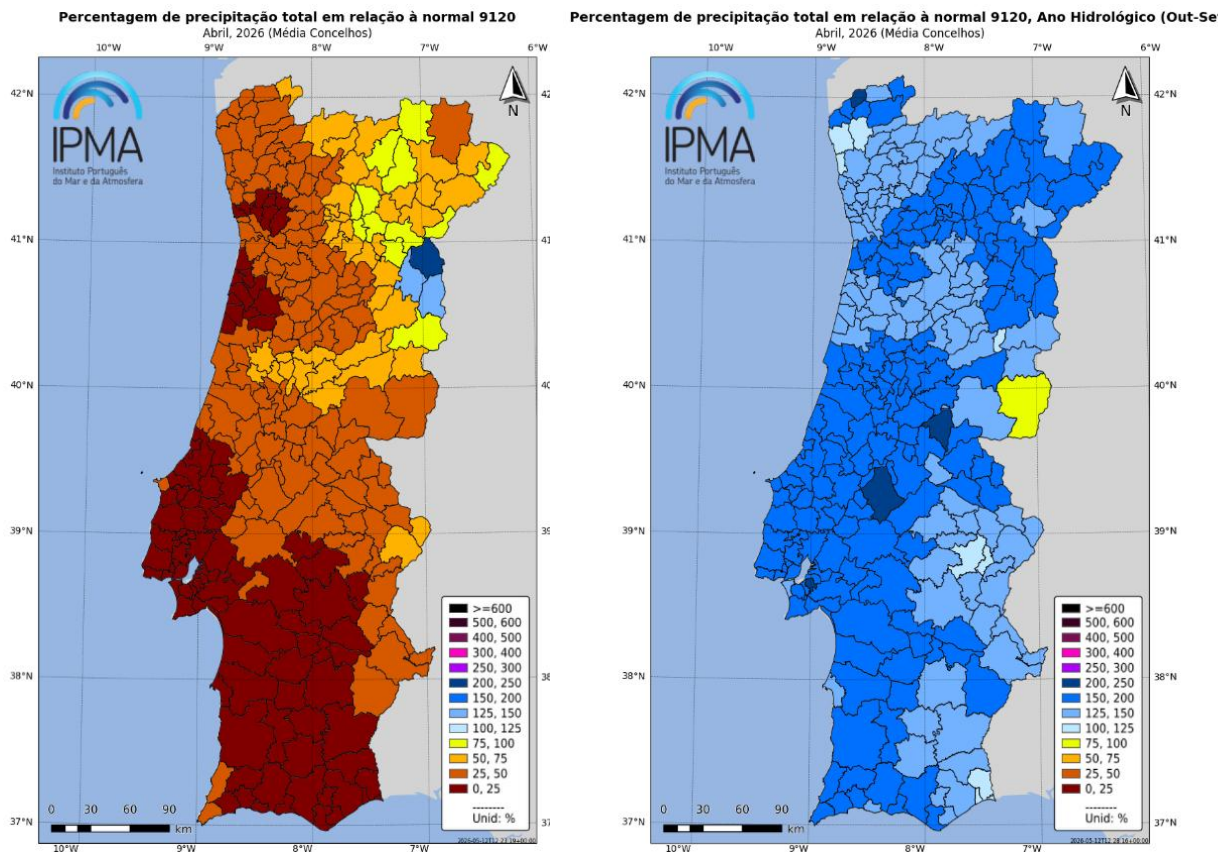


Figura 1 - Distribuição espacial da percentagem da precipitação total (médio concelho) em abril (esq.) e no ano hidrológico 2025/2026 (dir.) em relação à normal climatológica 1991-2020

2. Seca Meteorológica

- No final do mês verificou-se uma diminuição significativa dos valores de água no solo como consequência de um mês de abril muito seco e muito quente.
- Em termos de distribuição percentual por classes do índice PDSI no território continental, no final de abril verificava-se:
 - 6.5% na classe chuva moderada
 - 89.0% na classe chuva fraca
 - 4.5% na classe Normal

Tabela 1 – Classes do índice PDSI - Percentagem do território afetado entre outubro de 2025 e abril de 2026(Fonte: IPMA)

Classes PDSI	31 Out 2025 (%)	30 Nov 2025 (%)	31 Dez 2025 (%)	31 Jan 2026 (%)	28 Feb 2026 (%)	31 Mar 2026 (%)	30 Abr 2026 (%)
Chuva extrema	0.0	0.0	0.0	8.3	75.1	0.0	0.0
Chuva severa	0.0	0.0	4.4	61.7	24.5	47.6	0.0
Chuva moderada	0.0	12.0	23.5	29.0	0.4	50.8	6.5
Chuva fraca	1.2	37.7	45.7	1.0	0.0	1.6	89.0
Normal	32.4	29.7	26.4	0.0	0.0	0.0	4.5
Seca Fraca	31.8	20.6	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0
Seca Moderada	27.9	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0
Seca Severa	6.7	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0
Seca Extrema	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0

A Figura 2 apresenta-se a distribuição espacial do índice de seca meteorológico PDSI, em termos médios por concelho (PDSI), 31 de março e a 30 de abril de 2026.

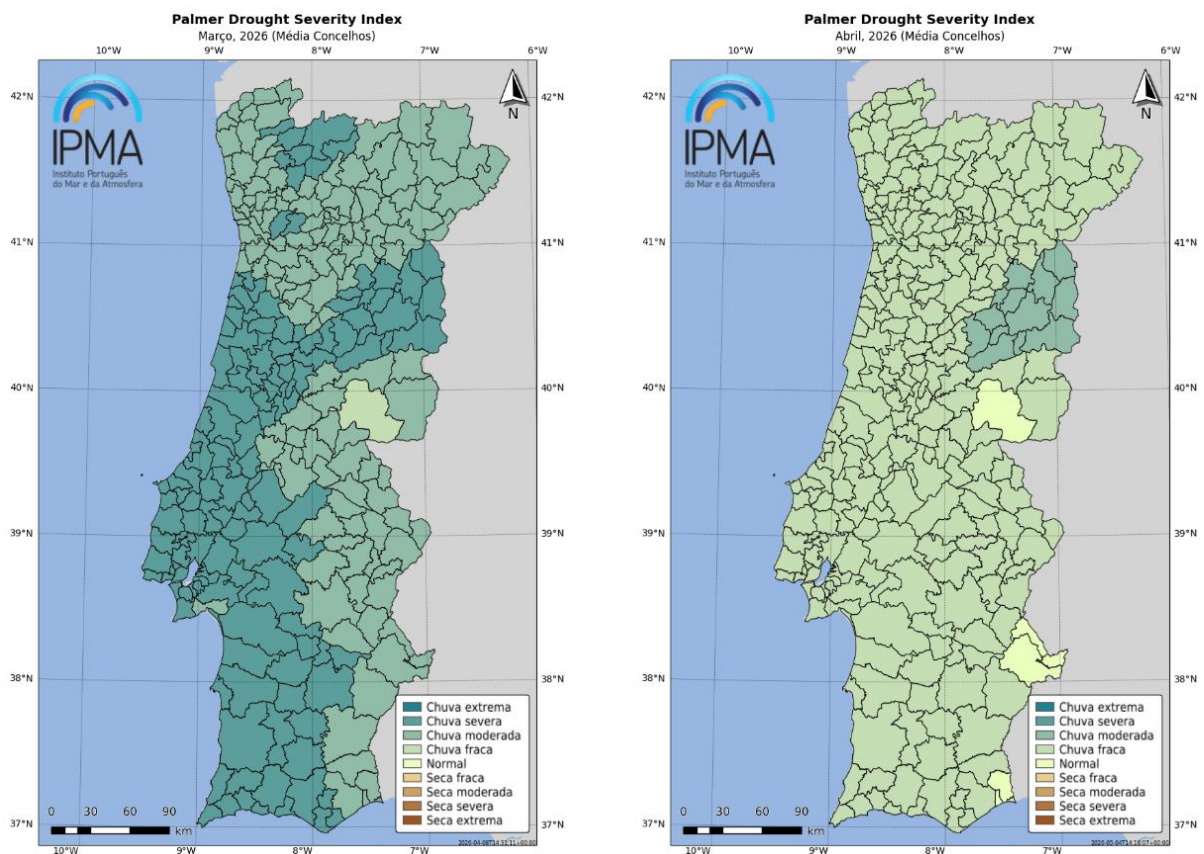


Figura 2 – Distribuição espacial do índice de seca meteorológica (médio concelho) a 31 de março e a 30 de abril de 2026 (Fonte: IPMA)

▪ **Níveis de Alerta para a Seca Agrometeorológica**

De acordo com a experiência adquirida nas secas anteriores definiram-se no PLANO DE PREVENÇÃO, MONITORIZAÇÃO E CONTINGÊNCIA PARA SITUAÇÕES DE SECA Níveis de Alerta para a Seca Agrometeorológica.

Os dois mais graves são:

Nível A.2 – “Alerta”: Seca Severa

Maior atenção reservada para o setor agrícola de sequeiro e pecuária extensiva onde se deve acompanhar os seus efeitos mais frequentemente, quinzenalmente, através da avaliação do Estado das culturas.

- Índice PDSI: classe de seca severa (-3.00 a -3.99) em 2 meses consecutivos no período de outubro a março.
- Índice SPI 6 meses em seca moderada a severa

Neste nível prevê-se o desencadeamento de medidas restritivas de alguns usos da água e de reforço dos controlos.

Nível A.3 – “Emergência”: Seca Extrema

- Índice PDSI na classe de seca extrema (-4.00 a -4.99)
- Índice SPI 6 meses em seca severa a extrema

Neste nível prevê-se a imposição de medidas restritivas de alguns usos da água. Em caso de evolução negativa poderão ser impostas medidas de carácter excepcional.

- De acordo com o **índice PDSI**¹, no final de abril verificou-se um enfraquecimento significativo das condições húmidas. A classe chuva fraca passou a predominar na maioria do território, enquanto a classe de chuva moderada ficou mais restrita à região interior Centro. Simultaneamente, surgem já algumas áreas em situação normal, sobretudo no interior Centro e em partes do Sul.

¹ **PDSI** - Palmer Drought Severity Index - Índice que se baseia no conceito do balanço da água tendo em conta dados da quantidade de precipitação, temperatura do ar e capacidade de água disponível no solo; permite detetar a ocorrência de períodos de seca e classifica-os em termos de intensidade (fraca, moderada, severa e extrema).

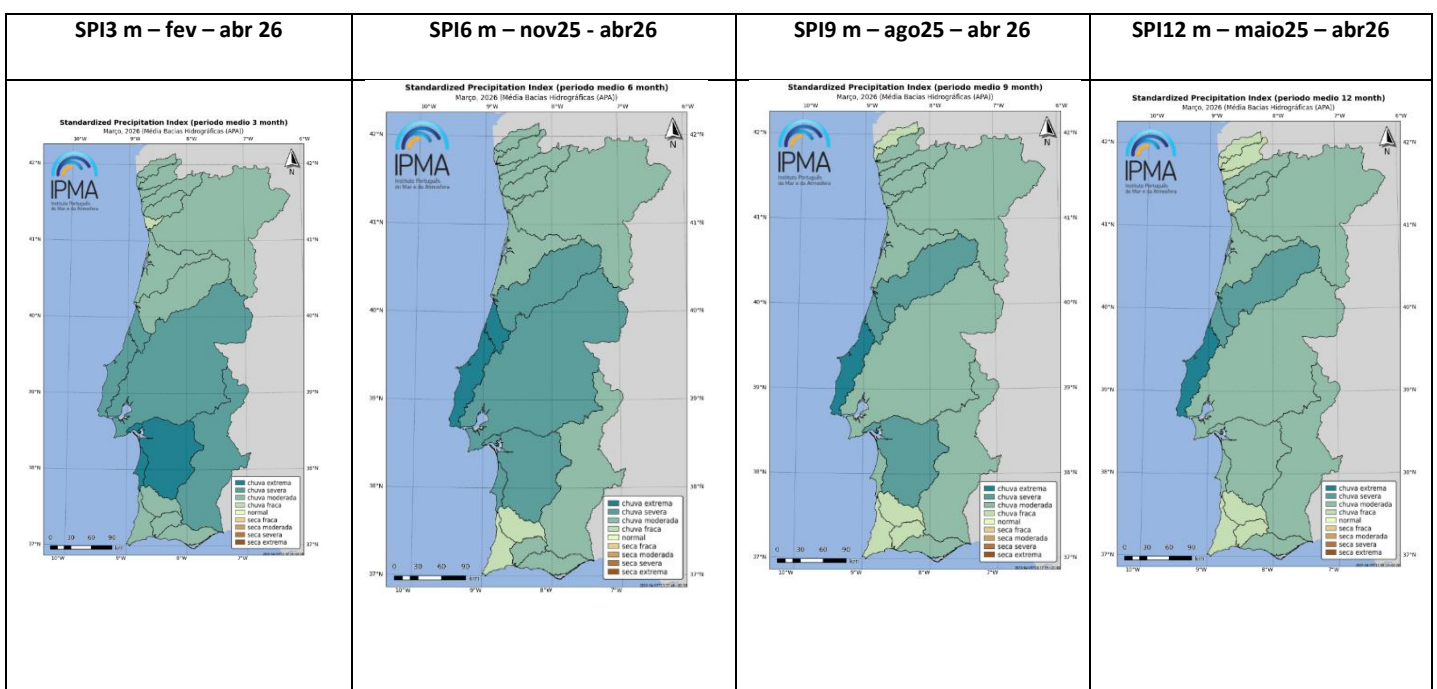
➤ Índice de seca SPI

O índice SPI (*Standardized Precipitation Index- Índice padronizado de precipitação*) quantifica o défice ou o excesso de precipitação em diferentes escalas temporais², que refletem o impacto da seca nas diferentes disponibilidades de água.

Na Figura 3 apresenta-se o SPI nas escalas de 3, 6, 9 e 12 meses no final de abril para as principais bacias hidrográficas do território (valor médio por bacia).

Devido à precipitação ocorrida nos meses de inverno, nenhuma bacia se encontra nas classes de seca no final de abril, tanto nas escalas mais curtas como nas mais longas, no entanto, como o mês de abril foi mais seco do que média, verificou-se uma diminuição da intensidade das classes de chuva no SPI 3 meses.

Figura 3 – Distribuição espacial do índice de seca SPI nas escalas de 3, 6, 9 e 12 meses no final de abril 2026 (Fonte: IPMA)



² As menores escalas, até 6 meses, remetem à seca meteorológica e agrícola (défice de precipitação e de humidade no solo, respetivamente), entre os 9 e os 12 meses à seca hidrológica com escassez de água refletida no escoamento superficial e nos reservatórios artificiais. As condições do estado da água no solo respondem a anomalias da precipitação numa escala temporal relativamente curta (3 a 6 meses), enquanto os fluxos de água subterrânea e os reservatórios de água respondem a anomalias de precipitação em escalas temporais mais alargadas (9, 12 meses).

➤ **Previsão mensal do Centro Europeu de Previsão do Tempo a Médio Prazo (ECMWF)³**

Segundo a previsão a médio e longo prazo⁴, a interpretação das previsões do Multisistema-C3S e do modelo do Centro Europeu de Previsão a Médio Prazo mostram a seguinte tendência para as próximas semanas:

- **Semana 18/05 a 24/05** – Anomalia negativa: valores abaixo do normal (-30 a -1 mm) para todo o território, sendo mais acentuada na região Norte (entre -30 mm e -10 mm).
- **Semana 25/05 a 31/05** – Anomalia negativa: valores abaixo do normal (-30 a -1 mm) para todo o território.

Tendo em a precipitação ocorrida nos primeiros 15 dias de maio e a previsão para os próximos 15 dias, com valores de precipitação inferiores ao normal, é expectável que no final de maio haja uma diminuição das classes de chuva e um aumento da classe normal, podendo também surgir nalguns concelhos da região Sul a classe de seca fraca.

³ <http://www.ipma.pt/pt/otempo/prev.longo.prazo/mensal/index.jsp?page=prev-182015.html>

⁴ De referir que as previsões meteorológicas de médio e longo prazo assumem um carácter probabilístico, não podendo, por isso, ser admitidas com elevado grau de rigor determinístico e devendo ser continuamente revistas.

3. Disponibilidades hídricas armazenadas nas albufeiras

Em 30 de abril de 2026, comparativamente ao último dia do mês anterior, registou-se uma descida em onze bacias hidrográficas e uma subida em uma bacia e três bacias mantiveram.

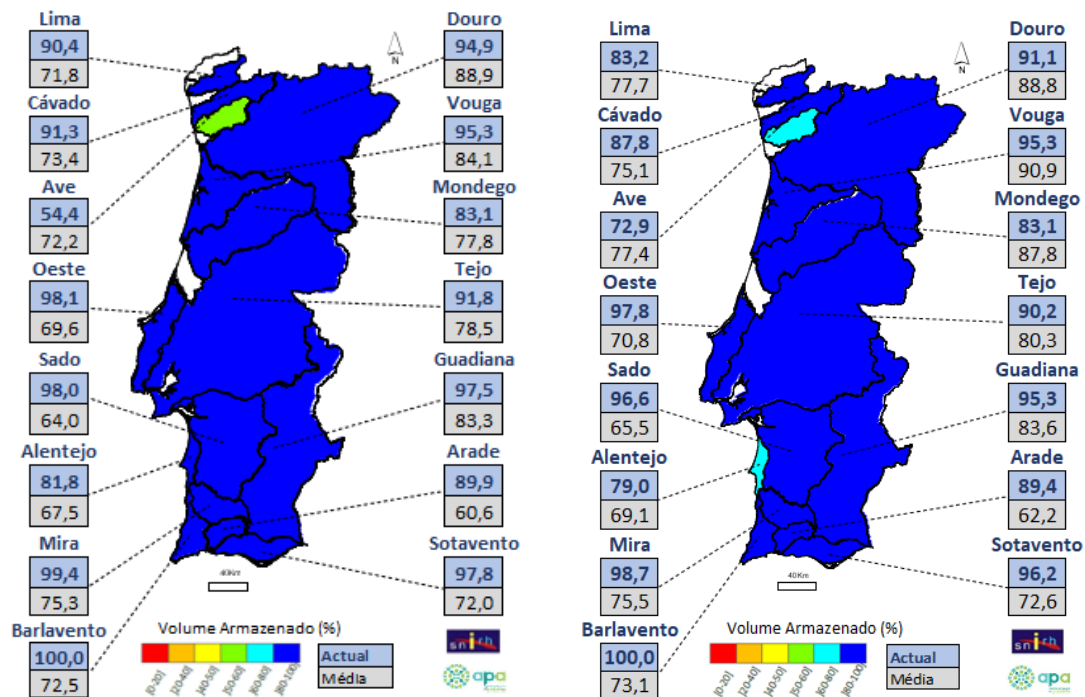


Figura 4 - Situação das albufeiras em março (esquerda) e em abril de 2026 (direita) (Fonte: APA)

Os armazenamentos em 30 de abril de 2026 por bacia hidrográfica apresentam-se superiores às médias de armazenamento de referência para o mês de abril (1990/91 a 2023/24), com exceção das bacias hidrográficas do Ave e do Mondego.

Na figura 5 é possível observar que as bacias hidrográficas do Lima, Cávado, Ave, Douro, Mondego, Tejo e Guadiana estão abaixo dos valores observados em abril de 2025, enquanto as restantes bacias se encontram acima ou com o mesmo volume armazenado.

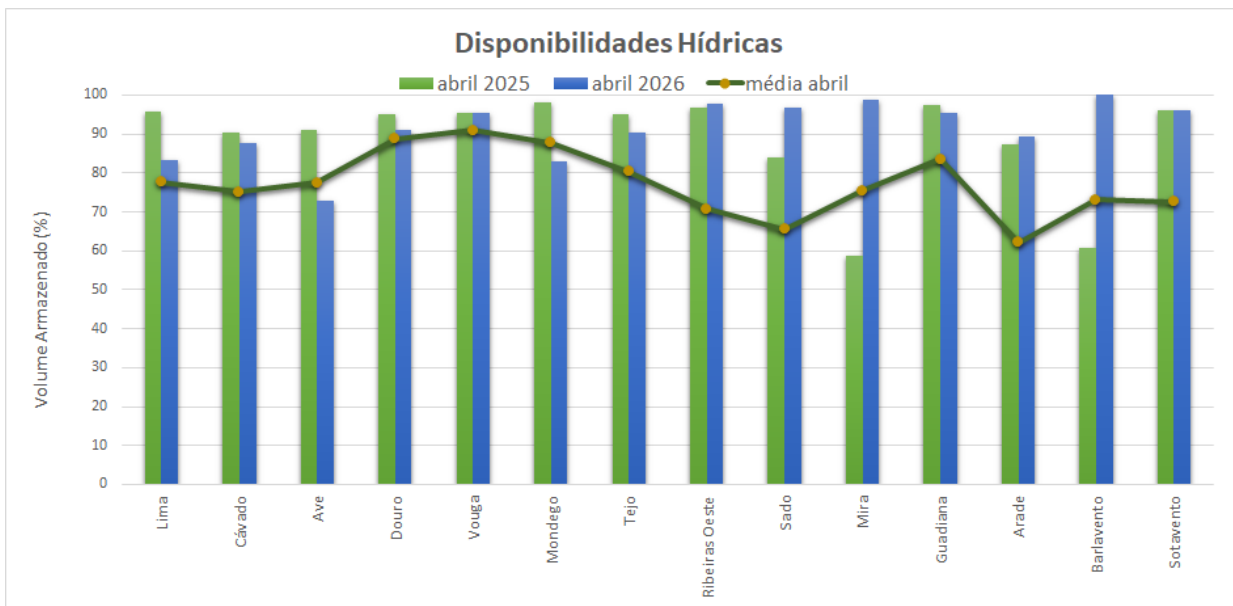


Figura 5- Percentagem de volume total armazenado por bacia hidrográfica, em 30 de abril de 2026 e de 2025 (Fonte: APA)

Das 78 albufeiras monitorizadas em 30 de abril de 2026, 70 apresentam disponibilidades hídricas superiores a 80% do volume total e não há nenhuma albufeira que apresente disponibilidades hídricas inferiores a 40% do volume total.

No respeitante à evolução das reservas hídricas subterrâneas apresentam-se, seguidamente, os mapas de evolução dos níveis piezométricos correspondentes aos meses de março e abril do ano hidrológico 2025-2026, figura 6.

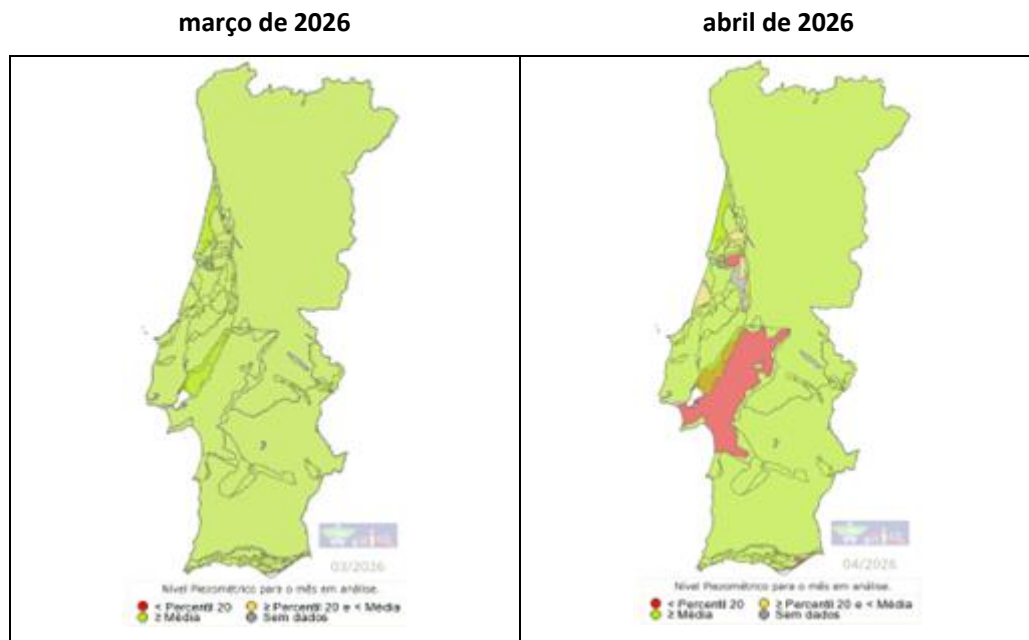


Figura 6- Evolução das reservas hídricas subterrâneas entre março 2026 (esquerda) e abril de 2026 (direita) (Fonte: APA)

Da análise dos mapas, e comparando o mês atual com o anterior, verifica-se que a situação se alterou, com algumas massas de água a apresentarem descidas dos níveis de água, para níveis inferiores ao percentil 20, como a Bacia do Tejo-Sado/Margem Esquerda, Condeixa – Alfarelos e Luz - Tavira. As restantes massas de água subterrânea, de um modo geral, apresentam os níveis de água acima da média.

➤ Massas de água em situação crítica

Face à evolução dos níveis piezométricos a nível nacional, considera-se que existe um grupo de massas de água que devem permanecer em situação crítica, atendendo aos critérios explanados anteriormente e, que registam níveis muito baixos, desde o início do ano hidrológico 2018-2019, não obstante poderem apresentar já alguma recuperação. Estas situações dizem respeito a massas de água onde persistiram, ao longo de vários meses, e mesmo anos em alguns casos, **níveis inferiores ao percentil 20**, pelo que urge continuar a aplicação de medidas preconizadas no âmbito da seca. Neste contexto, as massas de água em **situação crítica** são as seguintes:

Região Hidrográfica	Massa de Água
Vouga, Mondego e Lis	Pousos – Caranguejeira
Tejo e Ribeiras do Oeste	Bacia do Tejo-Sado / Margem Esquerda Pisões – Atrozela
Guadiana	Moura-Ficalho
Ribeiras do Algarve	Campina de Faro – Subsistema Faro Campina de Faro – Subsistema Vale de Lobo Malhão Querença - Silves

Apreciação Geral

Atendendo aos eventos pluviosos ocorridos ao longo do passado ano hidrológico e no atual, verifica-se que as massas de água em situação crítica ou em vigilância, na sua generalidade, registam alguns indícios de recuperação, persistindo, ainda, alguns níveis baixos. Face à situação excecional que ocorreu durante o mês de janeiro e de fevereiro, extremamente chuvosos, é necessário ter cautela, pois as massas de água subterrâneas demoram tempo a responder à precipitação e à consequente recarga.

De referir que as situações que merecem maior foco de atenção se mantêm nas massas de água Bacia do Tejo-Sado /Margem Esquerda, Moura-Ficalho, Campina de Faro – Subsistema Faro, Campina de Faro – Subsistema Vale de Lobo e Querença - Silves, que se encontram em situação crítica, devendo permanecer assim até que ocorra uma consolidação da recarga, atendendo a que os níveis de água subterrânea permanecem, ainda baixos, não obstante haver alguma recuperação.

A APA, I.P., enquanto Autoridade Nacional da Água, deve promover uma utilização sustentável de água, baseada numa proteção a longo prazo dos recursos hídricos disponíveis, conforme os termos previstos na alínea b) do n.º 1 do artigo 1.º, nos artigos 7.º e 8.º e na alínea b) do n.º 1 do artigo 63.º da Lei n.º 58/2005, de 29 de dezembro (Lei da Água), na sua redação atual.

Nesse sentido, julga-se de manter as restrições de atribuição de novas captações subterrâneas nas massas de água em situação crítica, até que se verifique uma recuperação efetiva dos níveis de água subterrânea.

5. Reservas de Água nas Albufeiras e Aproveitamento Hidroagrícola

➤ Disponibilidades hídricas nas albufeiras hidroagrícolas

Neste mês verificou-se uma tendência de descida na evolução dos volumes armazenados nas albufeiras, havendo 4 a subir, 36 a descer e 24 sem alteração, parte destas últimas na sua capacidade total.

A norte de Portugal (que inclui a bacia hidrográfica do Tejo), as albufeiras tiveram uma variação do volume armazenado entre -14,5% (Pereiras) e 0,4% (Maranhão). A sul de Portugal existiu uma variação do volume compreendida entre -5,7% (Pessegueiro) e 1,3% (Funcho).

A entidade gestora da Barragem de Burgães não comunicou dados e a análise estatística não a contempla.

No final do mês, nenhuma das albufeiras hidroagrícolas tinha armazenamentos inferiores à metade da sua capacidade total, valor que não evidencia a existência de problemas de disponibilidades hídricas em algumas regiões de Portugal continental (figura 7), designadamente nas bacias do Sado, Mira e baixo Guadiana.

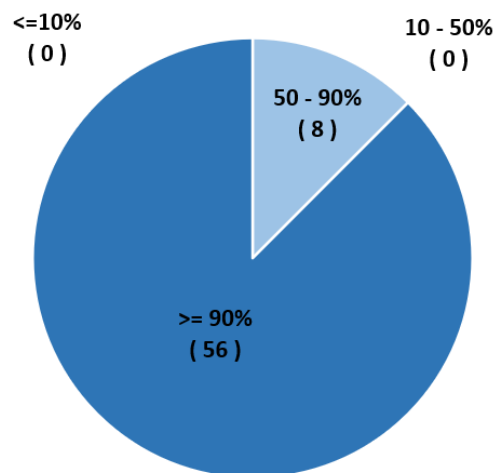


Figura 7- Distribuição do volume total armazenado nas albufeiras hidroagrícolas à data deste relatório (Fonte: DGADR)

Neste mês, não existem albufeiras com reservas de água para a agricultura esgotadas (nível de contingência 3) nem com restrições significativas (nível de contingência 2 e 1), num total de 64 albufeiras avaliadas.

Independentemente dos volumes úteis atualmente disponíveis, será sempre necessário realizar uma gestão criteriosa dos recursos hídricos (bem escasso e finito), sendo o desafio mais exigente nos aproveitamentos com mais do que uma utilização principal.

Neste contexto, estão aos aproveitamentos do Azibo, Cova da Beira, Caia, Vigia, Roxo, Campilhas e Alto Sado, Mira, Odeleite-Beliche, EFMA e Agueira.

Para mais detalhe ver o boletim de Reservas Hídricas e Regadio:

<https://sir.dqadr.gov.pt/outras/reserva-de-aqua-nas-albufeiras>

6. Agricultura e Pecuária

➤ **Sementeiras de cereais praganosos**

Em abril, os cereais praganosos encontravam-se entre o espigamento e o início da maturação, apresentando alguma recuperação do estado vegetativo devido ao aumento da humidade do solo e à subida gradual das temperaturas. Apesar das sementeiras tardias, algumas zonas do Norte tiveram um desenvolvimento vegetativo bom ou razoável. No entanto, na maior parte do território, as culturas mantiveram um estado vegetativo fraco. Prevê-se uma diminuição significativa da produção de cereais praganosos (trigo, triticale, aveia, centeio e cevada), com produtividades inferiores ao normal. No sul do país, algumas áreas estão a ser convertidas para forragem devido à falta de viabilidade económica da colheita em grão.

➤ **Prados, pastagens permanentes e forragens:**

Os prados, pastagens e culturas forrageiras entraram em abril com uma base produtiva globalmente favorável, contudo, a escassa precipitação do mês e as temperaturas mais elevadas determinaram uma evolução heterogénea e, em várias situações, uma secagem mais rápida do coberto vegetal. Assim sendo, observou-se que a Norte do Tejo, as pastagens permanentes, em regime de sequeiro ou regadio, continuam a disponibilizar matéria verde, quer seja para corte ou para pastoreio direto, enquanto a sul do Tejo antecipa-se uma maior escassez de erva, em resultado das condições de secura observadas ao longo do mês.

As operações de corte das áreas forrageiras destinadas à produção de feno e feno-silagem encontravam-se em curso, abrangendo pastagens naturais e semeadas. As produtividades observadas indiciam decréscimos significativos na produção de biomassa relativamente à campanha de 2025, situando-se abaixo dos valores médios de um ano considerado normal.

➤ **Culturas de Primavera/Verão**

A plantação da **batata** iniciou-se entre março e abril, beneficiando de condições climáticas favoráveis, prevendo-se áreas semelhantes às do ano anterior. As áreas instaladas no início de março apresentavam plantas vigorosas e a iniciar a floração. Comparando com o mês homólogo do ano anterior, verificou-se uma estabilização das áreas semeadas.

No caso do **milho**, verificou-se um atraso significativo em relação ao ano anterior devido ao excesso de água nos solos causado pela chuva intensa. Ainda assim, nas áreas semeadas em condições secas, a precipitação posterior e as temperaturas elevadas favoreceram uma emergência regular das plantas.

Quanto ao **arroz**, a instalação da cultura decorreu normalmente, sobretudo na Região Centro, embora na região de Lisboa e Vale do Tejo o início da campanha tenha sido mais lento devido aos danos provocados pelas tempestades de inverno, com destaque para a depressão *Kristin*. As áreas cultivadas mantiveram-se estáveis, sendo os principais desafios o aumento dos custos de produção, especialmente combustíveis e fertilizantes.

➤ **Culturas arbóreas e arbustivas**

• **Pomóideas**

Nas pomóideas, as temperaturas elevadas no Oeste anteciparam o ciclo cultural. Nos pomares de **pera Rocha**, a floração ocorreu cerca de duas semanas mais cedo do que no ano anterior, apresentando-se abundante e homogénea, favorecida pela boa disponibilidade de água no solo e pelo maior número de horas de frio no inverno. No restante território, as pereiras apresentavam bom desenvolvimento dos frutos e uma elevada carga produtiva na maioria dos pomares.

Nos pomares de **macieiras** do Oeste, o prolongado período de encharcamento dos solos originou uma floração escalonada e irregular, enquanto no restante território, o estado vegetativo apresentava-se globalmente satisfatório.

• **Prunoideas**

As **ameixeiras** e os **pessegueiros** encontravam-se em várias fases de desenvolvimento, com formação de frutos em algumas variedades. De forma geral, o vingamento foi normal, embora na Terra Fria tenha sido inferior. Na região Centro prevê-se uma produtividade normal, enquanto no Oeste a floração dos pêssegos e nectarinas foi abundante e o vingamento satisfatório, apesar de algumas variedades precoces de ameixoeiras apresentarem menor desenvolvimento de frutos. Nas **cerejeiras**, as

perspetivas são positivas, com produtividade normal na Cova da Beira, excelente na região Transmontana e um aumento estimado de 30–40% da produção no Alentejo (Portalegre/Marvão).

- **Pomares de Citrinos**

Durante o mês de abril, os pomares de citrinos apresentavam um estado vegetativo globalmente favorável observando-se boa atividade fisiológica, desenvolvimento de novas rebentações e floração nas várias regiões. Apesar de persistirem alguns constrangimentos localizados relacionados com problemas fitossanitários, fenómenos meteorológicos anteriores e reduções pontuais de calibre e produtividade, o panorama nacional revelou sinais predominantemente positivos.

Nomeadamente na **região Algarve**, principal zona produtora de citrinos em Portugal, os pomares de citrinos apresentavam-se, em geral, em fase final de colheita das variedades de laranja de umbigo de meia estação. Registou-se uma melhor qualidade dos frutos e menor incidência de fruta destinada à indústria, beneficiando de melhores condições fitossanitárias e menor pressão de pragas. Em simultâneo, iniciou-se a colheita das laranjas do grupo comum (Valencia Late e D. João), perspetivando-se um decréscimo global de produção de cerca de 15–20% face a um ano médio. As campanhas de tangerinas e clementinas foram dadas por concluídas, com produções, em alguns casos, superiores ao ano anterior, ainda que com calibres mais reduzidos devido às maiores cargas produtivas.

- **Actinídeas (Kiwi)**

Os pomares de kiwis entraram, de uma maneira gradual, na fase rebentação dos gomos florais, apresentando um bom estado de desenvolvimento. A variedade Dori (kiwi amarelo) mostra maior avanço e bom potencial produtivo. As condições secas recentes favoreceram o controlo da PSA, com baixa incidência da doença, tendo-se registado apenas danos pontuais devido a geadas ocorridas em 12 de abril em zonas mais sensíveis.

- **Vinhas**

As vinhas apresentavam, de forma geral, um desenvolvimento vegetativo regular e ligeiramente adiantado face ao ano anterior. Os estados fenológicos variam entre abrolhamento e pré-floração, predominando as fases de cachos visíveis a cachos separados. As condições climáticas têm favorecido o crescimento, embora a humidade aumente o risco de doenças fúngicas, exigindo atenção fitossanitária. Globalmente, as vinhas mostram bom aspeto vegetativo e perspetivas positivas para a campanha.

- **Olival**

De forma geral, o olival apresentava um quadro globalmente favorável, caracterizado por bom desenvolvimento vegetativo, floração abundante e perspectivas produtivas positivas em grande parte das regiões. Em várias zonas verificou-se um adiantamento fenológico relativamente ao ano anterior, associado às temperaturas mais elevadas registadas durante a primavera. Contudo, o sucesso da campanha permanece dependente da evolução das condições meteorológicas durante maio e das fases de floração e vingamento.

- **Abeberamento do gado:**

No mês de abril, o abeberamento animal foi realizado sem qualquer restrição.